

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

RAILIN GONÇALVES DA SILVA

**SOB A PERSPECTIVA DA ATRIZ: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO
TEATRO DE FATO E A MULTIPLICAÇÃO DO MÉTODO DE AUGUSTO BOAL EM
GUAÍBA, RS**

**PORTO ALEGRE
2023**

RAILIN GONÇALVES DA SILVA

**SOB A PERSPECTIVA DA ATRIZ: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROJETO
TEATRO DE FATO E A MULTIPLICAÇÃO DO MÉTODO DE AUGUSTO BOAL EM
GUAÍBA, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teatro, com ênfase em Interpretação

Orientador (a): Silvia Balestreri Nunes

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Railin
SOB A PERSPECTIVA DA ATRIZ: UMA EXPERIÊNCIA COM O
PROJETO TEATRO DE FATO E A MULTIPLICAÇÃO DO MÉTODO DE
AUGUSTO BOAL EM GUAÍBA, RS / Railin Silva. -- 2023.
43 f.
Orientadora: Silvia Balestreri.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Teatro de Fato. 2. Teatro do Oprimido. 3. Relato
pessoal. I. Balestreri, Silvia, orient. II. Título.

Buscamos, através desse teatro de fato, uma forma de se encantar, porque a vida desencanta às vezes.

(Araxane Jardim)

AGRADECIMENTOS

Felizmente não cheguei até aqui sozinha, muitas pessoas colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, dentre as quais agradeço especialmente:

- à Déia, por ter sido lar, aconchego e escuta nos momentos necessários, pelo carinho e pelos conselhos certos que contribuíram para o meu crescimento;
- ao Ara, por compartilhar comigo tantas das tuas histórias que me inspiram e me fazem seguir em frente;
- à Loren, por ter compartilhado estado ao meu lado quando o sonho ainda não era e realidade e afirmado que eu conseguiria;
- à Sandy, por todos os olhares orgulhosos que me fizeram acreditar que seria possível;
- à Mallu, por ter dividido comigo uma vida inteira nesses cinco anos, com direito a quarentena, trabalho e tcc;
- à Anne, por compartilhar a vida comigo enchendo de poesia e amor esses dias caóticos;
- à Maria, por ser uma mãe excepcional que mesmo não entendendo exatamente o que e como eu faço, sempre se orgulhou em dizer que a filha estuda teatro na universidade;
- à Fátima, por todas as vezes que me incentivou a não desistir de fazer esse “trabalhinho”;
- à Silvia, pela orientação afetuosa e por me inspirar a seguir em frente;
- à Mayara, por ter compartilhado comigo tantos momentos importantes para esse trabalho existir;
- à Carla, por ter sido a professora de português e colega de Teatro de Fato que me ajudou a insistir na vida;

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO..... | 9 |
| 2. METODOLOGIA..... | 12 |
| 3. TEATRO DO OPRIMIDO..... | 14 |
| 4. TEATRO DE FATO..... | 18 |
| 4.1 Araxane Jardim..... | 19 |
| 4.2 Andreia Alencar..... | 21 |
| 4.3 Arquivos do Projeto..... | 24 |
| 5. COMO ISSO ME AFETOU..... | 32 |
| 6. POR QUE ISSO IMPORTA?..... | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| ANEXOS..... | 41 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Árvore do Teatro do Oprimido..... | 15 |
| Figura 2 - Primeiro dia do curso Teatro de Fato, 2016..... | 26 |
| Figura 3 - Espetáculo Invisível Comum..... | 26 |
| Figura 4 - Roteiro..... | 27 |
| Figura 5 - Espetáculo Invisível Comum - 2..... | 28 |
| Figura 6 - Espetáculo Invisível Comum - 3..... | 28 |
| Figura 7 - Primeiro dia do curso Teatro de Fato, 2017..... | 29 |
| Figura 8 - Espetáculo Só um pouquinho..... | 30 |
| Figura 9 - Espetáculo Só um pouquinho - 2..... | 31 |

RESUMO

Este trabalho de pesquisa investiga a história do Projeto Teatro de Fato - um curso de Teatro do Oprimido, gratuito, oferecido em Guaíba, no Rio Grande do Sul, desde 2010 - em sua relação com a trajetória artística da autora. A participante dos espetáculos da mostra artística em 2016 e 2017 busca compreender seu trabalho como artista e o papel transformador do Teatro do Oprimido na comunidade. A pesquisa analisa a importância do projeto e mapeia as produções *Invisível comum* e *Só um pouquinho*. Por fim, reflete sobre as transformações individuais e coletivas proporcionadas, ressaltando a relevância do método na formação de novos artistas comprometidos com a cultura e as artes.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Teatro de Fato; Guaíba, RS.

ABSTRACT

This research work investigates the history of the Teatro de Fato Project - a free Theater of the Oppressed course offered in Guaíba, Rio Grande do Sul, since 2010 - in its relation to the author's artistic trajectory. The participant in the artistic showcases in 2016 and 2017 seeks to understand her work as an artist and the transformative role of Theater of the Oppressed in the community. The research analyzes the importance of the project and maps the productions *Invisível comum* and *Só um pouquinho*. Finally, it reflects on the individual and collective transformations it has enabled, emphasizing the relevance of the method in the training of new artists committed to culture and the arts.

Keywords: Theater of Fact; Theater of the Oppressed; Guaíba.

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Railin Gonçalves, tenho 23 anos, e estou prestes a concluir minha graduação em teatro. O Teatro do Oprimido foi uma experiência que transformou minha perspectiva de vida. Há sete anos, tive a oportunidade de participar do projeto Teatro de Fato, que oferece um curso de Teatro do Oprimido (TO) para jovens e adultos acima de 16 anos, residentes na cidade de Guaíba, Rio Grande do Sul, e regiões próximas. O curso tem duração de quatro meses e é dividido em quatro etapas, começando com jogos teatrais, seguido pela elaboração de roteiros baseados nas opressões relatadas pelo grupo, e culminando na apresentação de um espetáculo criado a partir desse processo.

No cenário cultural de Guaíba, região metropolitana e interior do estado do RS, o projeto Teatro de Fato tem se destacado como um curso de Teatro do Oprimido, oferecido gratuitamente à comunidade desde 2010. Idealizado pelo Grupo de Teatro Popular Comparsaria das Façanhas e pela ONG Semente Solidária, o curso tem como ministrantes Araxane Jardim e Andreia Alencar e, em 2023, alcança a sua décima segunda edição. O objetivo deste trabalho é registrar a história desse projeto e investigar seu impacto na trajetória artística da autora, enquanto participante dos espetáculos realizados na mostra artística ao final do processo criativo nos anos de 2016 e 2017.

A minha experiência vivenciada como estudante no projeto Teatro de Fato se tornou um marco transformador na minha construção como profissional das artes e cultura. Na época, com 16 anos, sem qualquer experiência prévia em teatro, tive a oportunidade de participar desse projeto pioneiro em Guaíba, que adota o método do Teatro do Oprimido como base de suas atividades. Esse primeiro contato com o universo teatral e a vivência nesse contexto proporcionaram um impacto significativo na minha trajetória como artista me levando a participar do processo seletivo para a graduação em teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que hoje estou em fase de conclusão.

A pesquisa teve como objetivo central investigar os efeitos dessa participação nos espetáculos realizados na mostra artística do Teatro de Fato, analisando o seu

papel transformador na minha vida e a contribuição desse projeto para a formação de artistas de Guaíba. Acredita-se que o curso, ao ser acessível aos moradores interessados em realizar uma prática artística, e utilizando o método do Teatro do Oprimido como base, seja capaz de gerar impactos significativos e transformadores para essas pessoas. Considera-se que a existência contínua do projeto na cidade de Guaíba é de extrema importância para a promoção da cultura e das artes, bem como para o desenvolvimento social da região.

Dessa forma, por meio de um relato pessoal e de uma análise mais ampla do contexto do projeto, busca-se compreender e documentar parte da história do projeto Teatro de Fato, assim como evidenciar sua relevância como agente transformador no âmbito cultural e artístico de Guaíba. Acredita-se que os resultados obtidos possam contribuir para uma maior valorização e disseminação do Teatro do Oprimido, além de fornecer subsídios para a continuidade e aperfeiçoamento do projeto, visando seu impacto cada vez mais positivo na comunidade local.

Para esta pesquisa foi adotado o método da cartografia, que consiste em estudar os registros fotográficos e escritos do Grupo de Teatro Popular Comparsaria das Façanhas sobre as duas edições do Teatro de Fato, na qual participei. Através dessa abordagem, é possível mapear e analisar as transformações ocorridas na comunidade, explorando as experiências vivenciadas pelos participantes e as narrativas presentes nos materiais documentais, pois essa metodologia permite uma compreensão mais abrangente e aprofundada dos efeitos e influências do Teatro do Oprimido, evidenciando os resultados alcançados pelo projeto e sua relevância para a realidade social de Guaíba. Buscou-se estudar o impacto transformador do Teatro do Oprimido na vida dos participantes e suas potencialidades.

O Teatro do Oprimido é um método criado pelo dramaturgo, encenador e teatrólogo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), que surgiu na época da ditadura militar do Brasil destinado às classes populares a fim de discutir e combater todas as opressões sociais. O estudo também elenca os multiplicadores do método de Augusto Boal, Andréia Alencar e Araxane Jardim, que têm sido os únicos a disseminar o método do Teatro do Oprimido na cidade.

É fundamental destacar que a existência de um curso gratuito de Teatro do Oprimido em Guaíba tem promovido não apenas o acesso à arte e cultura, mas

também a reflexão crítica e a ânsia por transformações sociais. Portanto, é imprescindível continuar formando novos multiplicadores e incentivando a prática do Teatro do Oprimido, garantindo que suas sementes de mudança continuem a florescer na atualidade e no Sul do país.

No capítulo dedicado ao Teatro do Oprimido, proporciono uma breve explanação sobre a história desse método e apresento diversas perspectivas que oferecem uma visão abrangente do que o Teatro do Oprimido representa. Dentro do capítulo dedicado ao *Teatro de Fato*, exploro a trajetória desse projeto. Esta seção é composta por dois subcapítulos centrados nos multiplicadores de Teatro do Oprimido e fundadores do projeto, Araxane Jardim e Andréia Alencar. Ambos os sub capítulos foram elaborados a partir de diálogos enriquecedores com os artistas. Ainda dentro do mesmo capítulo, reservo espaço para uma subseção que examina os arquivos referentes aos anos de 2016 e 2017 do projeto, focando principalmente nos espetáculos *Invisível Comum* e *Só um pouquinho*, que encerraram as edições do curso nesses anos,

No capítulo *Como isso me afetou*, compartilho um relato de experiência que visa retratar minha vivência pessoal com o projeto. Este relato não apenas descreve como eu experimentei o projeto em um nível pessoal e artístico, mas também explora os efeitos que ele teve em minha trajetória. Além disso, através deste relato, busco fundamentar as motivações que me impulsionaram a escrever este trabalho.

No capítulo *Por que isso importa?*, minha intenção é ir além da minha vivência pessoal e abordar os potenciais impactos do projeto nas vidas dos participantes. Para atingir esse objetivo, apresento um relato de uma ex-participante, Mayara Marquez, que compartilha como o Teatro de Fato influenciou positivamente sua jornada. Como o título do capítulo sugere, examino qual a importância e destaco fatores que sustentam essa conclusão.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para essa pesquisa utilizei a cartografia, que é um método qualitativo de pesquisa, o qual, segundo Falabella e Thüller (2021) é não apenas utilizado como uma abordagem tradicional, mas como uma tática micropolítica cotidiana composta por ações políticas. Isso envolve uma prática insurgente, dinâmica, constantemente evolutiva e criativa, que não busca necessariamente as raízes ou origens de um fenômeno, mas sim se concentra na identificação e destaque das interconexões entre os diversos aspectos que se entrelaçam e se expandem.

Pode-se aplicar a cartografia utilizando quatro passos: rastreio, toque, pouso e reconhecimento. Sendo o rastreio a busca por pistas possíveis dentro da pesquisa. O toque cria relevo do que foi encontrado, é quando aplico as minhas sensações de pesquisadora durante o processo de selecionar as pistas. O pouso é sobre atenção e precisão, é o momento em que eu faço a análise do que encontrei. Reconhecimento é o momento em que eu vou destacar os contornos singulares do que foi encontrado, ou seja, levanto as minhas considerações sobre o material que levantei.

O rastreio foi feito no Ponto de Cultura Biguá, sede da Comparsaria das Façanhas, grupo dos criadores do projeto Teatro de Fato. Ali encontrei materiais dos dois anos que participei do projeto. Entre esses materiais temos: cartas de intenção, poesias, fotos, anotações e os roteiros dos espetáculos resultados do processo de criação do curso. Esse acervo foi uma rica fonte de pesquisa sensível para elaborar o presente trabalho, pois ali encontrei experiências reais, vistas da perspectiva dos multiplicadores, sobre a jovem que iniciava a fazer teatro dentro de um método teatral que rasga as memórias e faz elas emergirem em forma de denúncia e insatisfação com os traumas vividos. Assim, fazendo esses relevos de história que foram tocados por essa dupla de multiplicadores, puderam agora serem tocados por mim, uma versão que atravessou esse ciclo e viveu essas experiências.

Inicialmente, as pesquisas que realizei foram feitas em duas visitas ao Ponto de Cultura, após essa etapa e finalizando o levantamento das pistas, iniciou-se o momento de pousar sobre esse material e analisar os dois espetáculos elaborados

no período que estive lá. Foram analisadas cenas, encenação e processo criativo, incluindo roteiro e dramaturgia elaboradas a partir das opressões relatadas no curso, opressões que falam sobre experiências de vida de cada personagem/atriz/ator e suas vulnerabilidades confidenciais no fazer teatral. Também considerei fundamental conversar com os multiplicadores sobre as etapas dos anos 2016 e 2017, anos que ocorreram esses espetáculos que participei, através dessas conversas eu pude compreender mais profundamente os impactos e transformações vivenciados por mim.

Além das abordagens empíricas, realizei uma pesquisa bibliográfica para compreender as estruturas do Projeto Teatro de Fato e estabelecer conexões entre as teorias de Augusto Boal e as referências estudadas ao longo de minha graduação. Essa pesquisa bibliográfica serviu como suporte teórico para fundamentar e contextualizar os resultados obtidos por meio das entrevistas e análise dos arquivos do grupo. Com a combinação dessas abordagens metodológicas, busquei obter uma visão abrangente e embasada dos impactos sociais e transformações promovidos pelo Teatro do Oprimido no contexto do Projeto Teatro de Fato, contribuindo para o entendimento de sua importância e relevância na minha realidade social, como uma pequena mostra inicial dos impactos feitos na cidade de Guaíba.

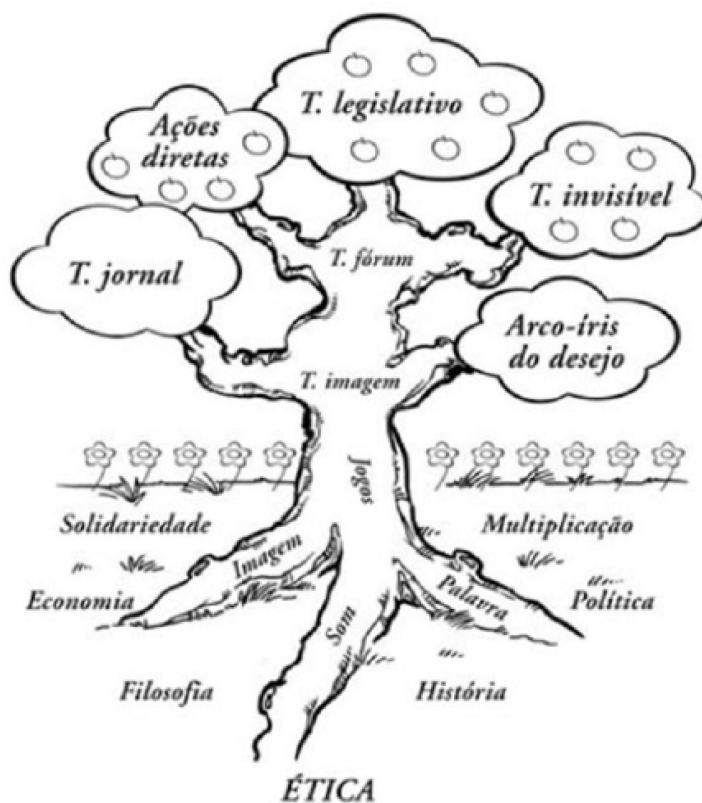
3 TEATRO DO OPRIMIDO

Augusto Boal nasceu em 16 de março de 1931, na cidade do Rio de Janeiro. Boal foi um dramaturgo, encenador e teatrólogo brasileiro, criador do Teatro do Oprimido, que surgiu no período da ditadura militar, com suas bases iniciadas na experiência de Boal quando diretor do Teatro de Arena de São Paulo. Apesar do método ser criado por um brasileiro e no Brasil, o TO é formado por diversas técnicas que foram surgindo aos poucos em passagens do Boal (2004) por diversos países, como ele explica neste texto:

O Teatro do Oprimido nasceu em 1971 no Brasil, sob a forma muito jovem de Teatro de Jornal e com o objetivo específico de lidar com problemas locais (...). O Teatro Fórum veio à luz no Peru, em 1973, como parte de um Programa de Alfabetização (...). Continuando a crescer, o TO desenvolveu o Teatro do Invisível na Argentina, como atividade política, e o Teatro Imagem, para estabelecer um diálogo entre as Nações Indígenas e os descendentes de espanhóis na Colômbia, na Venezuela, no México... Hoje, essas formas são usadas em todos os tipos de diálogos. Na Europa, o TO se expandiu e veio à luz o Arco-íris do Desejo — inicialmente para entender problemas psicológicos, mais tarde para criar personagens em quaisquer peças. De volta ao Brasil, nasceu o Teatro Legislativo, para ajudar a transformar o Desejo da população em Lei — o que chegou a acontecer 13 vezes. Agora, o Teatro Subjuntivo está, pouco a pouco, vindo à luz (Boal, 2004).

Além das técnicas citadas anteriormente, também é fundamental para o TO os jogos teatrais e diversos outros conceitos que fazem parte do “terreno” dessa árvore que é o TO. É a partir dessa figura de árvore que Boal buscou explicar como se organiza o método:

Figura 1: Árvore do Teatro do Oprimido



Fonte: BOAL, Augusto, 2004.

O TO é feito de muitas raízes, galhos, tronco, folhagens, frutos, solo e tantas outras coisas necessárias para essa bela árvore do TO florescer. Também não foi feito por poucas mãos, pelo contrário, o Boal sempre buscou coletivizar a autoria dos rumos que o TO poderia ter. Há relatos, do Araxane que falaremos no próximo capítulo, que até mesmo os nomes dos jogos eram criados em suas oficinas e cursos a partir de falas dos opinandos, assim dando vida a esse conjunto de modos de fazer um Teatro do Oprimido. Segundo Silvia Balestreri (2004):

O teatro do oprimido é um conjunto de técnicas teatrais, organizadas em diferentes modalidades, que tem como principal objetivo colocar algumas maneiras de fazer teatro a serviço da transformação social, possibilitando a seus praticantes expressar e debater, através da cena, situações opressivas que vivem e compartilhar com as platéias a busca de alternativas para o fim dessas opressões. (Balestreri, 2004)

No curso oferecido pelo Teatro de Fato, nós conhecemos os jogos, Teatro Imagem, um pouco sobre o Arco íris do Desejo e elaboramos um espetáculo de Teatro Fórum:

O Teatro-Fórum, modalidade que, como disse, será o foco da maioria de minhas colocações sobre o teatro do oprimido, consiste, por sua vez, numa pequena peça, geralmente resultado de uma oficina, em que um protagonista - "oprimido" - deseja algo, mas não consegue devido à ação de um ou mais personagens. Essa peça é, em um primeiro momento, apresentada para uma platéia supostamente interessada no tema, ou que, segundo Boal, sofra ou tenha sofrido opressão igual ou análoga. Num segundo momento, o curinga - diretor/facilitador/animador - convida os espectadores a entrarem em cena e a proporem, através da ação, alternativas possíveis para o personagem. Não se procura a melhor solução, mas conhecer mecanismos de poder presentes na situação, experimentando e buscando saídas, do ponto de vista do protagonista. As alternativas são analisadas pela platéia, cujas pessoas, ativadas - para usar um termo de Boal -, se transformam de espectadores em espect-atores - aqueles que vêem e agem (Nunes, p. 43 e 44).

Se os espectadores se tornam espectadores, que são aqueles que vêem e agem, é possível que tenha pessoas que seguem sendo espectadores ao assistir um fórum? Aqueles que não propõem uma saída para a situação, seriam considerados espectadores? Boal responde essa pergunta no livro Jogos para atores e não atores (1998):

Não! Embora eu não goste de dar respostas peremptórias, neste caso respondo alegremente: não! Numa sessão de Teatro-Fórum, ninguém pode permanecer espectador no mau sentido dessa palavra. Mesmo que queira. Mesmo que se afaste, que fique só olhando, de longe. No Teatro-Fórum, todos os espect-atores sabem que podem parar o espetáculo no momento que desejarem. Que podem gritar "Para!" e, democraticamente, dar sua opinião, teatralmente, em cena. Portanto, se escolherem não dizer nada, essa escolha já é uma participação. Para não dizer nada o espectador tem que se decidir a não dizer nada: isso já é uma ação. (Boal, p. 321)

Foram muitas as motivações para criar o TO, mas uma que considero fundamental citar é a história contada por Boal, em que após apresentar um espetáculo sobre a reforma agrária em um vilarejo do sertão pernambucano, onde a peça conclamava o público à luta armada, um camponês foi falar com o grupo. Agradeceu pela apresentação e aos atores, que acabavam de cantar uma música

que dizia “devemos verter nosso sangue para libertar nossa terra!” e fez um convite para que pegassem as armas mostradas em cena e se juntassem aos camponeses na luta que eles iriam travar no dia seguinte contra o coronel e seus capangas. Os atores recusaram e explicaram que as armas eram cênicas e não sabiam atirar. Segundo o Boal, o camponês disse “Mas então nessa música que vocês cantam, vocês estão falando do nosso sangue de camponeses, não do sangue de vocês artistas?!”. E foi nesse momento que Boal decidiu pesquisar e elaborar um teatro que não ditasse quais eram os problemas do seu público e como resolvê-los (Boal, p.60, 2022). A fim de revolucionar o modo de criação, o TO também se trata de uma crítica ao próprio teatro, o que vejo muita relação com os propósitos que levam a criação do Teatro de Fato que será explicado no próximo capítulo, segundo Julian (2022):

A primeira opressão contra a qual o Teatro do Oprimido se propõe a lutar é justamente aquela gerada pelo próprio teatro. Já o nome Teatro do Oprimido indica que existe um teatro que não pertence ao oprimido, um teatro que é do opressor. O Teatro do Oprimido é, de certa forma, uma luta contra o teatro. Se Augusto Boal retoma as críticas de Brecht ao teatro “digestivo”, “hipnótico”, que serve de “escritório de compensação por aventuras não vividas”, sua crítica é muito mais radical no sentido em que ataca precisamente o que o constitui. O que é principalmente criticado no teatro é a divisão entre os atores e o público, é a divisão imutável de tarefas entre aqueles que estão autorizados a falar, a agir e aqueles que estão confinados ao mutismo, à escuridão (Boal, 2022, p. 62).

4 TEATRO DE FATO

O Projeto Teatro de Fato (2016) é um curso de Teatro do Oprimido que tem sido oferecido gratuitamente à comunidade de Guaíba, região metropolitana e interior do estado desde 2010. Em 2023, chega à sua décima segunda edição. O curso é realizado pelo Grupo de Teatro Popular Comparsaria das Façanhas em parceria com a ONG Semente Solidária, sendo ministrado por Araxane Jardim e Déia Alencar.

O Grupo de Teatro Popular Comparsaria das Façanhas é um dos principais facilitadores do método Boal no Rio Grande do Sul. Criado em 2003 por Déia Alencar e Araxane Jardim, na cidade de Guaíba que fica a 31km de distância da capital Porto Alegre. O grupo tem como proposta ser um veículo de contestação, questionamento, pesquisa e experimentação. O projeto Teatro de Fato é uma das atividades culturais oferecidas pelo grupo no município e já beneficiou mais de 2000 pessoas, entre alunos e espectadores das apresentações. A cada edição, o projeto é aprimorado e atinge diferentes públicos (Teatro de Fato, 2016).

Atualmente, a Comparsaria atua no Ponto de Cultura Biguá, um espaço coletivo e bioconstruído, criado por diversas pessoas, que serve como sede para outros projetos artísticos do grupo e de profissionais da cultura da cidade. Esse espaço possibilita que essas pessoas tenham um local para exercer suas atividades artísticas. Ao longo das doze edições, o projeto acumulou diversas experiências, adotando diferentes formas de realização do curso, inclusive oferecendo-o online durante a pandemia. Em peças teatrais foram abordados temas como racismo, *bullying* nas escolas e machismo. A dinâmica do curso envolve um processo complexo de sensibilização estética, compartilhamento de experiências de opressão pessoal, formação de grupos e criação de espetáculos teatrais. Essa abordagem desperta o interesse pelo teatro e levanta temas importantes para o debate na sociedade, tendo um potencial impacto positivo e político de reflexão na comunidade.

O objetivo do curso é capacitar o público em geral para o exercício do teatro, incentivando a discussão de problemas sociais e proporcionando uma experiência

social, lúdica, pedagógica e intelectual. Além disso, busca oferecer aos participantes a oportunidade de vivenciarem o trabalho coletivo de produção teatral, proporcionando-lhes um espaço efetivo de cidadania. De acordo com o Teatro de Fato (2016), o curso acontece em quatro etapas: na primeira, são realizados exercícios de integração e desinibição, jogos dramáticos, improvisação, técnica vocal aplicada ao teatro e expressão corporal; na segunda, são abordadas noções de Estética do Oprimido, criação de roteiros e pesquisa de sonoplastia para a encenação; na terceira, ocorre a montagem de uma encenação de Teatro do Oprimido, incluindo a fabricação de adereços, figurinos e cenários; por fim, a última etapa encerra o curso com a apresentação do processo cênico em duas mostras, uma em Porto Alegre e outra em Guaíba.

4.1 Araxane Jardim

Para esse trabalho de conclusão de curso existir, algumas pessoas são fundamentais nessa história e uma delas é o próprio Augusto Boal, criador do método do Teatro do Oprimido. Eu só conheci duas pessoas na vida que conheceram o Boal pessoalmente, felizmente ambas fazem parte do meu aprendizado profissional: uma delas é a Silvia¹, minha orientadora neste trabalho, e a outra é o Araxane Jardim, o Ara², uma das pessoas que compõem o grupo Comparsaria das Façanhas, que me ensinou praticamente tudo que eu sei sobre TO e hoje possibilita que eu escreva esse trabalho que contribui para o meu percurso como artista.

Ara é ator desde 1994, participou dos grupos Deram Godô Em Nós (Canoas, RS) e Contestadores (Porto Alegre, RS). É atuante e fundador do grupo Comparsaria Das Façanhas (Guaíba); participou da oficina de Teatro do Oprimido com Augusto Boal em 1999. Fez formação para curinga em teatro do oprimido em 2009. Exerce o papel de multiplicador do Teatro do Oprimido no Rio Grande do Sul desenvolvendo o projeto Teatro de Fato - Curso de Teatro do Oprimido, em Guaíba, RS.

¹ Silvia Balestreri Nunes.

² Ara é o apelido carinhoso da autora em relação ao artista Araxane Jardim.

Antes do Teatro de Fato existir, ele oferecia oficinas de teatro para periferias. Ara relatou que os desafios eram maiores e ainda mais difícil de realizar o Teatro do Oprimido, devido à realidade dos oficinasandos, mas, dentro dessas experiências, ocorreram impactos positivos e houve pessoas que seguiram fazendo arte após esse primeiro contato com o teatro. Em uma conversa com ele, no dia 28/07/2023, trocamos sobre a história do Teatro de Fato e a contribuição dele para a construção do projeto, é a partir desse diálogo que escrevo esse capítulo.

Na atualidade, o projeto mudou radicalmente após a pandemia, segundo o Ara, em 2023 as inscrições foram compostas por mais ou menos 30% de ex oficinasandos do curso. É preciso repensar as estratégias e abordagens das técnicas de TO a todo momento, sempre de acordo com o público recebido a cada edição. Conversando sobre como é lidar com tantas pessoas em contato com um método tão profundo e que lida com memórias e sentimentos difíceis relacionados a opressões, o artista relata que geralmente é mais tranquilo fazer somente os jogos do TO, pois a parte onde aprofunda os relatos de opressões é quando se torna mais difícil, muitas pessoas tem gatilhos e acabam desistindo.

Dentro de Guaíba, o Teatro de Fato é o único projeto que oferece um curso de teatro gratuito à população, isso resulta em um público heterogêneo, com diferentes opiniões, identidades, visões de mundo, religiões etc. Segundo o Ara (2023), existem diversas situações de conflitos que já ocorreram dentro do curso, conflitos religiosos, jovens que os pais não queriam mais que participassem, pessoas que enfrentavam (e se separaram felizmente) relacionamentos tóxicos, entre outras situações que necessitam de um “jogo de cintura” para lidar e, para isso, eles vão adaptando as técnicas aos contextos.

Dentro desse público, sempre surgem pessoas que sonham com as possibilidades do fazer artístico, anualmente são mais de quarenta cartas de intenções recebidas pelo Araxane e a Andreia Alencar³, nessas cartas já receberam muitos relatos de pessoas que sofrem com ansiedade e depressão, pessoas sem perspectivas, pessoas de periferias da cidade e o cuidado em não deixá-las de fora do curso é sempre tomado. Além de pessoas que estão tendo o

³ Co-fundadora do Teatro de Fato.

primeiro contato com o teatro, também ocorrem muitas inscrições de artistas que buscam fazer TO, no sul do país.

Segundo ele, existe uma escassez de profissionais multiplicadores do método no Rio Grande do Sul, mas principalmente uma escassez de cursos formativos, sendo o Teatro de Fato o único na Grande Porto Alegre. Araxane ressalta a falta de espaços de estudo no Estado, pois não temos um centro onde existem formações e trocas sobre TO, os grupos e pessoas trabalham muito individualizadas. O mesmo já participou de formações com membros do Centro de Teatro do Oprimido (CTO) e essas formações não contribuíram o suficiente para uma maior multiplicação do TO no RS. Perguntei para o Ara como é fazer TO em Guaíba e ele respondeu:

É uma responsabilidade muito grande, a gente quer investir mais e ter mais tempo pra estudar e não consegue, mas é importante, antes da Silvia vir pro sul, só tinha eu e o Willusa, ele fazia em Porto Alegre e eu fazia aqui (Guaíba) nas periferias, onde não tinha ninguém oferecendo teatro, somente um grupo mais elitista e sem nenhuma crítica, por isso achei importante multiplicar na cidade... no início a gente criava algumas performances/esquetes para manifestações, assim as pessoas prestavam mais atenção no que a gente queria falar, mas isso com cuidado com quem estava nos assistindo com medo da censura. Nessa época, cansado de não ter espaço pra um teatro com propósito e somente teatros “novelescos” na cidade, eu cheguei à conclusão que o que precisava existir era um teatro de fato (Jardim, 2023).

São muitos os desafios para manter um projeto tão subversivo como é o Teatro de Fato na cidade. Foram diversos ataques ao longo dos últimos anos, que ameaçaram a existência do projeto, como cortes de verbas e falta de incentivo à cultura. Mas o Teatro de Fato segue existindo e se colocando como uma alternativa para todos os jovens e adultos que buscam na arte um outro modo de ver e viver a vida. Como disse o próprio Araxane (2023) na nossa conversa: “buscamos através desse teatro uma forma de se encantar, porque a vida desencanta às vezes”.

4.2 Andreia Alencar

Outra pessoa essencial para este trabalho existir é a Andreia Alencar (que eu carinhosamente chamo de Deia). A Deia, desde 2003, é integrante e fundadora do

Grupo de Teatro Popular Comparsaria das Façanhas, em Guaíba. É multiplicadora das técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal e atualmente é integrante do Rupo Piá – Oficinas e Concertos apresentando o espetáculo *Jaebé, Tocar a Liberdade* sob coordenação de Dulcimarta Lino. A Deia relatou que começou a trabalhar junto com o Ara, porque se identificou muito com a proposta de trabalhar questões sociais. Além disso, ela sempre gostou muito dos jogos teatrais que utilizam o corpo. Segundo a Deia:

Eu vi ali uma oportunidade de trabalhar justamente o impacto, vi que poderia acontecer mudanças na vida das pessoas, além de fazer teatro, que já é muito legal e transformador, tu sair da tua vida e buscar o teatro, mexer contigo mesmo, se descobrir, se transformar. Na minha participação eu vejo que eu evolui muito, não só pela questão dos jogos, mas por ter contato com vidas, aprendi muito, aprendi a escutar, aprendi a perceber as pessoas, perceber outros mundos que não só o meu, aprendi a ter mais empatia e não só esse olhar (Alencar, 2023).

Ela traz algumas relações sobre o trabalho da direção no projeto, já que ocupa o mesmo como co-diretora, entre elas: o fato de se colocar muitas vezes no lugar das pessoas e entender alguns motivos de coisas que aconteciam no curso. Assim como coisas que também não aconteciam, por exemplo, quando as pessoas travavam em situações que pudessem as engatilhar emocionalmente.

Me emociona bastante falar sobre a Deia, além de ser uma profissional incrível, também é uma pessoa muito atenciosa e empática, durante a minha participação no curso, eu passei por momentos difíceis e, quando se trabalha TO, o emocional pode ficar muito abalado devido aos exercícios que te levam a acessar memórias duras de visitar, ainda mais quando se enfrenta o desafio de compartilhar essas dores com outras pessoas e ousar buscar possibilidades de transformações para essas histórias. Em nossa conversa, a Deia pediu para falar um pouco sobre mim e o que ela disse foi:

Eu posso falar de ti? Eu vi uma pessoa super insegura, nova, sem muita experiência de vida, mas que tinha uma cabeça madura, sabia o que queria pra vida mas não sabia como, depois eu vi essa pessoa se deparando com vários monstros e aqueles monstros pareciam que iam assustar, mas eu vi uma força crescer pra destruir isso e depois eu vi um transformar-se. Me orgulho muito, não só contigo, mas várias pessoas, a Mayara, e eu penso “Ba, como a gente fez uma coisa importante”, nem falo somente sobre a pessoa ter ido fazer teatro, o que é ótimo, mas aquilo que mexeu dentro dela para fazer teatro foi muito mais transformador do que só a ideia de que

é legal fazer teatro, foi algo lá dentro que mexeu, como se fosse uma overdose de coisas que foi se limpando até se descobrir. É um sentimento que às vezes não tem palavras, por isso uso metáforas, é muito mais que o mecânico, o teatro do oprimido é movido por emoções (Alencar, 2023).

Relatos como esse mostram como a multiplicação do TO pode ser impactante na vida de quem participa da experiência, seja como afinada ou como multiplicadora. Para a Deia, sua participação como multiplicadora é mais sobre aprendizado mútuo do que simplesmente ensinar. Ela reconhece o valor do compartilhamento dentro de uma experiência com os grupos que trazem vivências de experiências diversas, destacando o contínuo aprendizado que cada ano de Teatro de Fato proporciona. Essa abordagem reflexiva do Ara e Deia também se traduz em uma busca constante pelo equilíbrio e pelo aprimoramento, identificando sucessos e desafios ao longo do caminho desses 12 anos de projeto.

Perguntei para a Deia, o mesmo que questionei o Ara, sobre como é fazer TO no Sul do país, mais precisamente em Guaíba, na atualidade e ela descreve o projeto como um grande desafio. Relata que após tantos anos de construção do projeto, percebe um que o reconhecimento e valorização por parte das pessoas envolvidas vem crescendo. Percebo, nas falas do Ara e Deia, que o projeto evoluiu para além das expectativas, tornando-se uma referência para alguns e uma plataforma de transformação para muitos. No entanto, essa valorização é restrita, em termos de gestão e políticas públicas, as batalhas por reconhecimento e acesso continuam, como demonstrado pela recente perda de espaço físico, além do curso em 2023 ter sido reduzido aos jogos teatrais, sendo negado o projeto completo que inclui o Teatro Fórum. É sem dúvidas uma demanda constante de energia manter o projeto em meio a tanta falta de valorização por meio das políticas públicas da cidade, pois se trata principalmente da sobrevivência artística dos multiplicadores.

Um ponto de virada significativo nos últimos tempos foi a criação do Ponto de Cultura Biguá, bio construído coletivamente em muitos mutirões com afinandos do projeto, participantes da ONG Semente Solidária e diversas outras pessoas queridas que ajudaram nessa construção, gestado pela Deia e Ara e localizado no bairro Vila Nova, em Guaíba, onde residem os artistas. Com a falta de espaço para realizar o curso, o Ponto de Cultura se tornou o ponto de encontro de todos os sábados (dia

que ocorre os encontros). Esse elemento de conexão tem sido essencial para disseminar a consciência sobre ambas as iniciativas, fortalecendo sua presença na comunidade, agora quem conhece o Ponto de Cultura passa a conhecer o Teatro de Fato, assim como quem conhece o Teatro de Fato, passa a conhecer o Ponto de Cultura.

Por fim, a Deia destaca o impacto que o Teatro de Fato exerce sobre os participantes. Ela enfatiza a importância das relações, das percepções compartilhadas e dos contatos que emergem nos encontros. Essas transformações pessoais, muitas vezes desencadeadas pela diversidade dos grupos e pelos jogos do TO, destacam o papel que o projeto desempenha na vida dos participantes. Gostaria de ressaltar que o comprometimento e paixão de ambos multiplicadores são evidentes, inspirando não apenas os participantes do projeto, mas também aqueles que reconhecem a importância de iniciativas culturais que promovem a transformação pessoal e social.

4.3 Arquivos do projeto

Neste capítulo, abordamos os arquivos encontrados no acervo pessoal do Projeto Teatro de Fato, organizados em pastas físicas no Ponto de Cultura Biguá, bem como em arquivos digitais disponibilizados pelo grupo. Neste arquivo encontrei fragmentos de roteiros, cartas de intenção dos participantes, fotos e vídeos dos espetáculos e encontros, além de materiais elaborados durante os encontros como poesias, palavras que descrevem os grupos formados e desenhos resultados dos jogos propostos. Não irei me aprofundar sobre todas as edições do Teatro de Fato, mas sim sobre os anos de 2016 e 2017, nos quais participei como oficinanda, edições que resultaram nos espetáculos *Invisível comum* e *só um pouquinho*.

Esses espetáculos foram criados com uma modalidade do TO intitulada Teatro Fórum, consiste em uma técnica em que os atores apresentam uma cena até o momento que ocorre a opressão, após a apresentação o curinga propõe para os espectadores, ou espectadores como o Boal intitulou, que sugiram uma solução para a situação de opressão através da cena. Para o modelo Teatro Fórum funcionar, três personagens são fundamentais: oprimido, opressor e aliados do oprimido. Assim é

possível que tenha espaço para a situação de opressão ocorrer e que esse oprimido não esteja sozinho, podendo assim existir uma transformação nessa realidade. A dúvida que sempre surge quando apresentado o formato fórum é como é possível encontrar uma solução para a opressão encenada, no texto *3 ou 4 perguntas para um bom fórum*, Silvia (2001) explica por onde é possível vislumbrar alguma transformação:

As respostas e mesmo as dificuldades de se responder a essa pergunta apontam os caminhos do fórum: saber qual situação deverá ser encenada para tratar da opressão em pauta é reconhecer por onde é possível começar uma efetiva transformação do que se está denunciando. Essas “saídas” serão insinuadas no modelo, ainda que o protagonista não seja bem sucedido ao buscá-las (Nunes, 2001).

E foi dentro desse modelo que incentiva os espectadores a buscarem saídas para as opressões encenadas que os dois espetáculos foram construídos, utilizando relatos de opressões vividas pelos atores que fizeram parte do processo de criação dentro do curso. Um processo sensível e de transformação do modo de ver essas histórias que muitas vezes se tratam de traumas profundos, mas o fórum vem com o objetivo de subverter a situação do oprimido. Por isso é preciso que os atores acreditem na transformação efetiva do que se está denunciando, por isso é correto afirmar que o Fórum:

É veículo de ativação e mobilização não apenas na hora de ser apresentado e de se convidar a platéia a intervir na cena - quando ela toma o lugar do(s) protagonista(s) para propor alternativas à situação mostrada, mas principalmente durante o processo de criação e montagem da peça. Os participantes-atores têm que se defrontar com uma série de questões para chegarem a construir o que chamamos um bom modelo para fórum - a peça propriamente dita (Nunes, 2001).

Os espetáculos citados anteriormente ocorreram nos anos de 2016 e 2017, ambos aplicados ao formato fórum, onde pequenas cenas relatam situações de opressões vivenciadas pelos atores que encenam os espetáculos e não são resolvidas, para no final, o público entrar em cena e tentar dar saídas possíveis para aquelas situações. No dia 22 de abril de 2016, em uma sala dentro do prédio da Prefeitura de Guaíba, conquistada dentro de muitas negociações de espaço para sediar o curso, iniciou a 7ª edição do projeto Teatro de Fato. Nesse ano foram mais

de 50 inscritos no curso, com Araxane Jardim, Andreia Alencar e Núbia Quintana de ministrantes.

Figura 2: Primeiro dia do curso Teatro de Fato, 2016.



Fonte: ONG Semente Solidária.

Nos arquivos deste ano encontrei diversas fotos do primeiro dia de curso, como as imagens acima, além de imagens da apresentação no Teatro Dante Barone, em Porto Alegre. Também encontrei vídeos de alguns encontros, poesias elaboradas pelosicineiros em uma atividade de escrever sobre as características do grupo formado. Além desses materiais, encontrei alguns fragmentos de roteiros, não tantos quanto eu gostaria, mas no meu arquivo pessoal tenho até hoje o roteiro que usei para decorar as falas da minha personagem “Gabriela”. A personagem consiste em uma aliada da irmã mais nova que sofria violência sexual por parte de um primo.

Figura 3: Espetáculo Invisível Comum

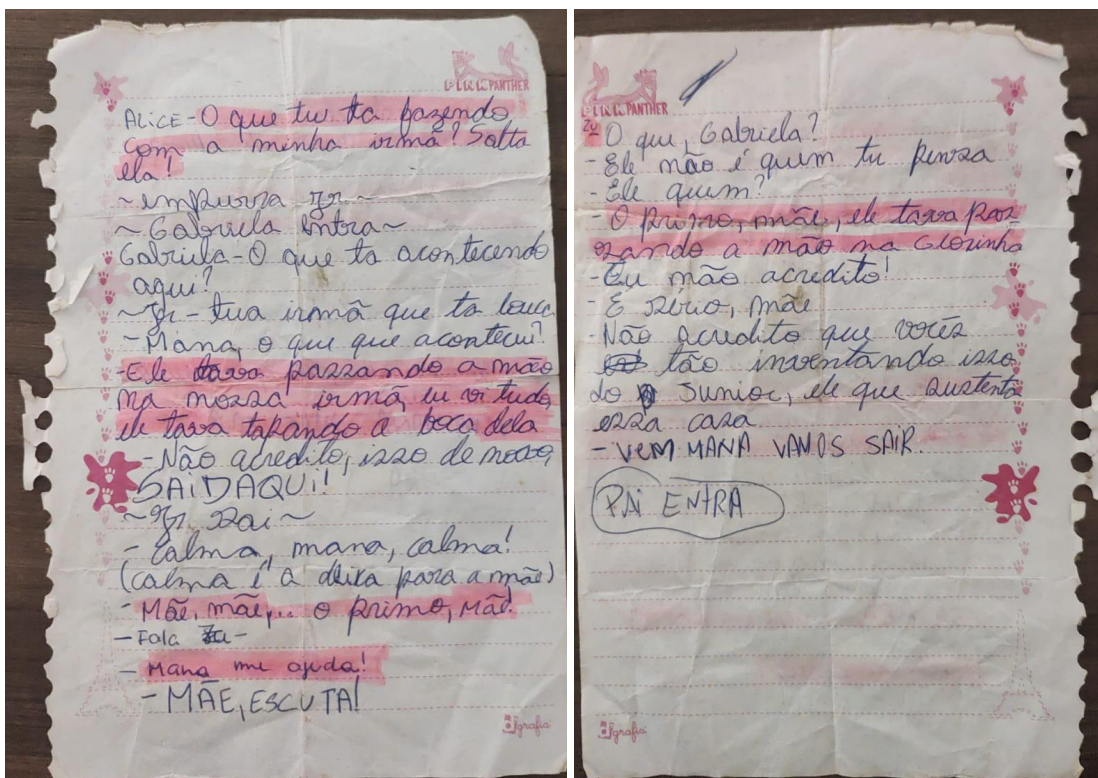


Fonte: ONG Semente Solidária, 2016.

Essa cena nasceu da opressão que relatei em aula, onde o abuso infantil ocorreu comigo na vida real. Na cena ocorre com a minha irmã mais nova e eu no

lugar de aliada dessa criança, como mostra na foto acima, porém, infelizmente, uma aliada sem força para resolver a situação de abuso. Anexo abaixo o roteiro:

Figura 4: Roteiro.



Fonte: Compilação da autora, 2016.

É bem emocionante ver essa escrita de cenas tão simples, mas com grande significado na situação que descreve a cena, Araxane e Deia tomam o cuidado nas cenas de não indicar que a atriz/ator que relatou a situação de opressão faça a pessoa oprimida na cena, isso de certa forma protege a pessoa de reviver uma situação que causa gatilhos. Porém, nesse caso, viver uma aliada da oprimida foi fundamental para reorganizar essa situação na minha memória, viver o fórum e ver as pessoas da plateia tomando o lugar da minha personagem para defender aquela menina foi incrível, me vi segura e protegida dentro e fora da cena. Nesse mesmo espetáculo aconteceu uma situação de violência policial, onde um grupo de jovens, incluindo a Gabriela e sua irmã do meio, são pegas fumando maconha em uma praça e por isso são enquadradas por um grupo de policiais que usa da força para oprimir esses jovens, resultando em uma cena forte de agressão.

Figura 5: Espetáculo Invisível Comum - 2.



Fonte: Semente Solidária, 2016.

Também ocorreram cenas que retratavam situações de abuso dentro do contexto de uma família de classe média e uma situação de *bullying* na escola. Todas essas cenas foram elaboradas a partir de opressões relatadas ao longo do curso e que aconteceram na realidade com os atores.

Figura 6: Espetáculo Invisível Comum - 3.



Fonte: ONG Semente Solidária, 2016.

No ano de 2017 ocorreu a 8ª edição e o curso novamente contou com mais de 50 pessoas inscritas, enchendo a sala da secretaria de cultura de Guaíba, onde ocorreu essa edição, sem o espaço da prefeitura que antes era utilizado. A falta de espaço adequado atravessa a história do projeto, estando presentes “realocações” em todas as edições, atualmente, como já foi dito, o curso ocorre no Ponto de Cultura Biguá, construído pelo grupo.

Figura 7: Primeiro dia do curso Teatro de Fato, 2017.



Fonte: Teatro de Fato.

Encontrei nos arquivos algumas cartas de intenção, incluindo a minha, onde eu dizia que gostaria de aprender mais sobre as técnicas do Teatro do Oprimido. Também encontrei fotos e vídeos dos encontros e desse ano encontrei o vídeo do espetáculo *Só um pouquinho* na íntegra. O espetáculo *Só um pouquinho* se passa dentro do contexto hospitalar, existe um hospital onde todos os personagens passam por ele dentro das suas histórias, dentre elas temos: ala psiquiátrica onde a filha artista de um famoso psiquiatra é presa; maternidade onde o filho de uma mulher em situação de rua nasce; emergência onde existe uma longa fila de espera.

Figura 8: Espetáculo Só um pouquinho.



Fonte: ONG Semente Solidária, 2017.

Dentro dessas situações, mesmo distintas, encontramos em comum o sofrimento dessas pessoas com as negligências existentes dentro dos hospitais, desde a falta de atendimento médico, como no caso de um menino baleado que fica na fila de espera aguardando, ou com abuso médico por via de contenção e medicamentos dentro de hospitais psiquiátricos. Também acontece uma situação de opressão, em que um casal de pessoas em situação de rua não é atendido no hospital, mesmo estando em trabalho de parto na própria sala de espera da emergência.

Figura 9: Espetáculo Só um pouquinho - 2.



Fonte: ONG Semente Solidária, 2017

5 COMO ISSO ME AFETOU

No meu primeiro ano no projeto Teatro de Fato, eu não tinha conhecimento prévio sobre teatro. Ingressei no curso com a expectativa de criar cenas e refletir sobre as opressões, mas acabei encontrando uma oportunidade de me tornar uma pessoa melhor, com uma nova perspectiva de vida. Naquela época, eu não tinha grandes planos para o futuro. Vinda de uma família de baixa renda, minha mãe trabalhava como faxineira em uma escola. Minhas preocupações se limitavam a aprender a limpar a nossa casa para depois limpar a dos outros.

Não tinha grandes ambições e tampouco sabia como o curso de teatro poderia me ajudar. Na verdade, eu estava em um profundo processo terapêutico para curar traumas de infância relacionados a opressões que vivi e testemunhei. Foi nesse contexto que minha participação no curso se tornou um ponto de virada significativo em minha vida. Refletir sobre possíveis caminhos para lidar com as opressões que enfrentei foi fundamental para começar a vislumbrar um futuro mais promissor.

Por se tratar de uma cidade pequena, o curso proporcionava encontros significativos. Na minha turma, havia inclusive minha primeira professora de português, que havia encaminhado minha solicitação para acompanhamento terapêutico. Ela foi a primeira pessoa a perceber o meu sofrimento e me acolher de forma responsável. Naquele grupo, também havia um rapaz que silenciosamente estava envolvido em uma situação de abuso sexual, onde eu era a vítima, mas ninguém sabia disso. É difícil para mim escrever sobre esse assunto, mas é necessário para expressar minha jornada.

A turma era composta por jovens, adultos e idosos de Guaíba e cidades vizinhas, cada um com motivos diferentes para sua participação. Alguns já conheciam a obra de Boal e o método do Teatro do Oprimido, enquanto outros buscavam uma experiência acessível e gratuita no teatro. Eu estava lá porque acreditava que o teatro poderia me ajudar de alguma forma, mesmo que eu ainda não soubesse de que maneira.

Naquele ano, o processo criativo resultou na peça *Invisível Comum*, um processo intenso no qual cada um de nós compartilhou um pouco de si mesmo por

meio de jogos, culminando na abordagem de opressões vivenciadas. Durante o processo, tive a oportunidade de relatar a opressão que sofri na infância, relacionada ao abuso sexual cometido por um primo e a falta de recursos e conhecimento da minha família para lidar com essa situação. Além disso, outras formas de opressão, como violência policial, *bullying* escolar e negligência familiar, também foram abordadas na dramaturgia do espetáculo.

No segundo ano, vivenciei uma experiência ainda mais enriquecedora. Durante alguns meses, tive o privilégio de morar com a Deia e o Araxane, fundadores do projeto Teatro de Fato e facilitadores do curso de Teatro do Oprimido. Fui acolhida por eles de forma carinhosa em um momento difícil da minha vida. Nesse período, em que ocorreu a edição de 2017 do Teatro de Fato, fui convidada a participar novamente, juntamente com outros colegas do ano anterior.

Para mim, o processo foi menos intenso, porém mais interessante sob a perspectiva teatral. Na minha carta de intenção, mencionei o desejo de aprofundar meu conhecimento nas técnicas do Teatro do Oprimido e foi exatamente isso que fiz. Absorvi diversas informações sobre o método e registrei os jogos e exercícios realizados em aula, tornando-me cada vez mais uma multiplicadora dessa abordagem teatral. Naquele ano, o processo criativo resultou na peça *Só um Pouquinho*, que explorava opressões relacionadas ao ambiente hospitalar e à saúde. Desde a longa espera por atendimento urgente até a falta de respeito no tratamento de pacientes em hospitais psiquiátricos.

Após esses dois anos de participação no Teatro de Fato, fiz outros trabalhos com a Comparsaria das Façanhas e decidi que o meu caminho seria o teatro. Descobri que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) oferecia um curso de interpretação teatral e comecei a pesquisar como participar do processo seletivo. Essa conquista foi extraordinariamente significativa, pois despertou em mim o desejo de realizar um sonho e a possibilidade de ter uma alternativa além daquilo que eu imaginava como meu destino. Refletir sobre as opressões vivenciadas e explorar possíveis soluções tornaram-me protagonista da minha própria história, permitindo que eu alterasse a narrativa que antes considerava como uma realidade imutável.

Em 2018, ingressei na faculdade de teatro na UFRGS, onde comecei a estudar interpretação teatral. Conheci outras abordagens além do Teatro do Oprimido, ampliei meu círculo de amizades com pessoas que compartilham da mesma paixão e profissão, e abri meus horizontes em relação às possibilidades artísticas e à forma de enxergar a vida. Essa experiência também me levou a morar na cidade grande de Porto Alegre - do outro lado do rio -, onde acumulei diversas experiências como professora de teatro e multiplicadora do Teatro do Oprimido. O curso de Teatro do Oprimido me proporcionou uma jornada de autoconhecimento, empoderamento e transformação.

6 POR QUE ISSO IMPORTA?

Pensando sobre o porquê e como importa esse projeto, cheguei na reflexão sobre essa palavra: projeto. O Teatro de Fato me possibilitou criar um projeto de vida, onde vislumbrei no futuro o desejo de ser artista e de ser alguém que quer viver a vida. Em conversas com a Mayara Marqz, grande amiga que o Teatro de Fato me deu, encontrei nas suas palavras um pouco do que foi para mim, ela disse (2023): “existe uma Mayara antes e uma Mayara depois do Teatro de Fato, pois nele me reconheci e reencontrei”; e assim me vejo e acredito que muitos outros jovens e adultos se vêem frente a experiência do Teatro do Oprimido com a Déia e o Araxane, uma reexistência e resistência que se estabelece frente à vida, que não é nada fácil, muito menos para quem quer fazer teatro.

O Teatro do Oprimido foi criado por Augusto Boal como reação a um teatro tradicional feito de forma alienada e desconexa da realidade social do mundo, que enfrentava e enfrenta as inúmeras opressões sociais que mantém a maior parte da população à margem, pelas vias da pobreza, racismo, machismo e LGBTQIAP+fobia. É um teatro que permite que discussões acerca dessas realidades se tornem tema das dramaturgias, podendo assim criar uma Poética do Oprimido. Essa motivação também está no nascimento do projeto Teatro de Fato, onde o grupo Comparsaria das Façanhas resolveu criar um teatro de fato, ou seja, um teatro que de fato tenha sentido de existência para a população guaibense.

Entendo um curso de teatro popular gratuito e inclusivo como *a flor que rasga o asfalto de Drummond*, uma possibilidade para uma população majoritariamente pobre e oprimida de criar possibilidades artísticas e de afeto dentro do cotidiano. Discutir opressões e vivenciar suas histórias virarem tema de espetáculo teatral, onde o público toma o palco de assalto protagonizando outras formas de viver a vida, que não pela via da opressão, é imensamente bonito de viver. Ainda em conversa com a Mayara (2023), deixo aqui um trecho do que ela disse sobre o impacto do Teatro de Fato na sua vida:

Eu sempre quis fazer teatro, desde criança enquanto assistia a shows de

artistas que eu gostava, criava encenações com os meus irmãos, figurinos, tudo... Sempre quis ser artista, mas como era de uma família muito pobre e eu e meus irmãos somos todos negros, filhos de uma mulher negra, além de lidar com essa situação, nós também lidava com o fator de que éramos pobres. Eu morei boa parte da minha infância e adolescência na praia e as praias durante o verão tem muito trabalho e durante o inverno não tem muito, então pra quem mora na praia tem uma dificuldade muito grande de se manter lá o restante do ano, então meu pai e minha mãe não tinham condições de pagar curso de teatro, tudo que a gente fazia de atividades na escola eram atividades gratuitas, mas não tive aulas de teatro, mas no 2º ano encontrei uma professora maravilhosa que incentivava essa vontade de fazer teatro. Então quando fui morar em Guaíba, final de 2014 conheci o Teatro de Fato, vi um cartaz em uma galeria e pensei 'nossa, que incrível', o meu olho brilhou e quando descobri que era de graça, pensei 'meu deus, eu vou fazer', eu já tinha todo esse sonho antes de vir morar em Guaíba, então estava muito feliz, na sensação de alguém que saiu da praia e agora está em uma cidade maior e já se depara com algo que sempre gostou de fazer, sempre quis fazer teatro e nunca teve a oportunidade, alguma coisa brotou em mim. Me inscrevi pro curso e acho que justamente esse papel do Teatro de Fato de ser gratuito contribuiu para a minha profissão porque desde esse momento, anterior ao processo, de ser gratuito, popular e localizado na região metropolitana, não estar no centro, que é Porto Alegre, esses fatores de ser acessível me fizeram aproveitar tudo que veio desse processo, entrar de cabeça e foi uma experiência encantadora. Fiz o curso em 2015 e 2017, e em 2016 fiz o vestibular da UFRGS e na hora de escolher a opção de curso coloquei direto teatro, pois naquele momento tendo o curso consegui me sentir segura para fazer a prova específica que era necessária, tive mais confiança após a experiência com o Teatro de Fato, a segunda opção era Ciências Contábeis mas não precisou porque eu passei de cara na prova específica e entrei pra fazer Teatro na UFRGS e tudo que brotou a partir daí, eu agradeço ao Teatro de Fato (Marquez, 2023).

O relato da Mayara tem algo em comum com a minha história e a história de muitas outras pessoas que passaram pelo curso, que é ele ser a primeira possibilidade de fazer teatral, de forma gratuita e acessível, com um teatro para atores e não-atores, para pessoas que sonham em ser artistas e pessoas que querem se conhecer um pouco mais. E esse teatro ser o TO muda toda a perspectiva do fazer teatral para algo que seja transformador da realidade de quem faz e quem assiste, para que as pessoas que participam dessa experiência se tornem sujeitos ativos na sociedade, pelo menos no momento que está no palco discutindo sobre opressões que estão presentes nas vidas de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, mergulhei profundamente na história, no propósito e nos desafios enfrentados pelo Projeto Teatro de Fato. Agora, nesta seção de considerações gerais, é o momento de refletir sobre como minha própria jornada nesse projeto influenciou minha trajetória como atriz e pessoa. Participar do Teatro de Fato não apenas me proporcionou o desejo de fazer teatro, mas também expandiu minha compreensão sobre a capacidade do teatro de transcender o palco e se tornar um instrumento de transformação social.

A experiência de não somente ensinar e aprender, mas de multiplicar, compartilhar de histórias que são parte do social e não somente pessoal, assim explorando as emoções humanas através dos jogos teatrais do TO, moldando uma nova perspectiva sobre meu fazer teatral e meu repertório de artista. O engajamento para um teatro que faça sentido no mundo em que vivemos de oprimidos e opressores refletiu em minha atuação, onde agora não somente consigo captar as sutilezas nas emoções e nas motivações dos personagens que interpreto, mas também nos impulsos que tenho de porque seguir fazendo teatro.

A criação do capítulo *Por que isso importa?* destacou a persistência do Teatro de Fato e sua capacidade de resistir às adversidades, pois há um sentido de existência nos impactos causados na vida dos participantes. Essa lição se traduziu em minha própria (pequena) carreira, onde enfrentei obstáculos e incertezas. A persistência e a busca constante pela excelência, tão inerentes ao projeto, serviram como inspiração para resistir às situações desafiadoras do mundo artístico.

Os relatos de Mayara Marqz e as palavras de Andreia Alencar e Araxane Jardim ressaltaram a profunda influência do projeto nas vidas das pessoas. Essas histórias ecoam na minha própria jornada, reafirmando o poder da arte de provocar mudanças pessoais e coletivas. Isso me estimula a buscar papéis e projetos que não apenas me desafiem artisticamente, mas também contribuam para uma reflexão mais ampla sobre as questões sociais que enfrentamos neste mundo ruído pelo capitalismo, mas que arde a chama das lutas dos trabalhadores, e como diz o próprio Boal: “acima de tudo, nós acreditamos que o Teatro do Oprimido é de, sobre,

por e para os oprimidos, se você concorda com isso, nós certamente concordamos com você” (Boal, 2004).

Consequentemente, o Projeto Teatro de Fato não é apenas uma parte do meu passado, mas uma parte vital do meu presente e do meu futuro como atriz. As lições do Teatro Fórum de dar sentido para o desejo de transformação da realidade, a importância de dar voz às histórias das oprimidas e oprimidos e a possibilidade de escutar e ser escutada continuam a moldar minha abordagem à atuação e à vida cotidiana. Portanto, olhando para frente, tenho a intenção de aplicar essas lições em todos os aspectos da minha carreira, contribuindo para a continuidade do TO no Sul do país e em Guaíba, onde tudo iniciou, para mim. Vida longa ao Projeto Teatro de Fato!

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Andreia. [Conversa concedida a] Railin Gonçalves da Silva. Guaíba, 19 ago. 2023.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Editora Record, 1998.

BOAL, Augusto. **Árvore do Teatro do Oprimido**. s.l.: ITO, 2004. Copiado do site da International Theater of the Oppressed Organization (ITO), não mais disponível

FALABELLA, Gustavo *et al.* A Cartografia como Possibilidade de Pesquisa em Artes. **Art Sensorium**, Bahia, v. 8, p. 315-330, 25 maio de 2021.

JARDIM, Araxane. [Conversa concedida a] Railin Gonçalves da Silva. Guaíba, 28 jul. 2023.

NUNES, Sílvia Balestreri. **Boal e Bene: contaminações para um teatro menor**. 2004. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Clínica, Puc, São Paulo, 2004.

NUNES, Sílvia Balestreri. 3 OU 4 PERGUNTAS PARA UM BOM FÓRUM. **Metaxis – A Revista do Teatro do Oprimido**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 26-27, dez. 2001.

SOLIDÁRIA, Ong Semente. **Teatro de Fato 7ª Edição**. 2023. Facebook: ONG Semente Solidária. Disponível em: <https://www.facebook.com/ONGSementeSolidaria>. Acesso em: 25 jul. 2023.

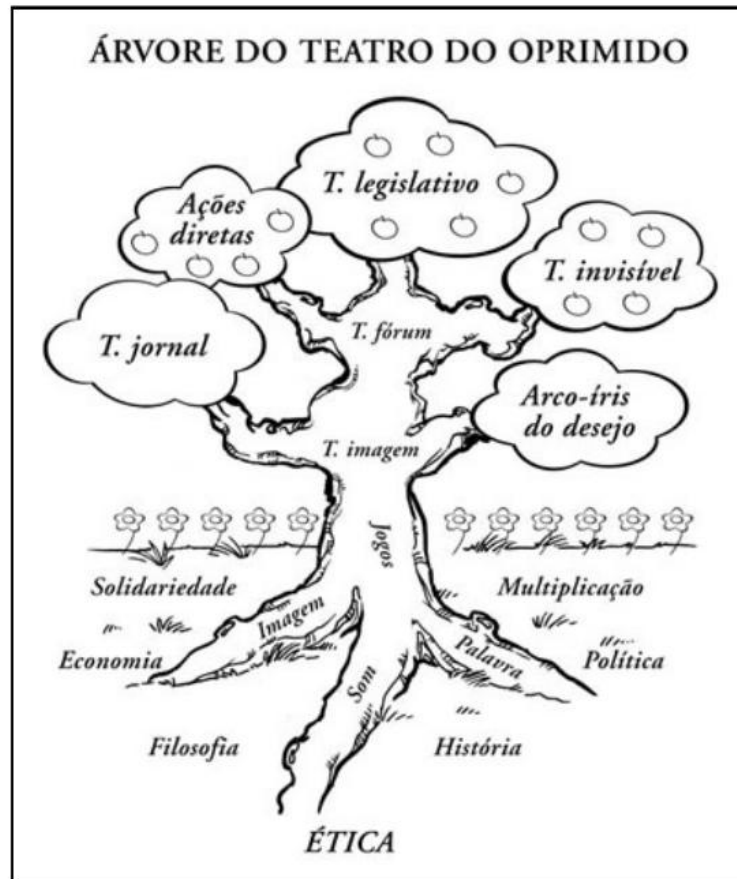
SOLIDÁRIA, Ong Semente. **Estreia de Invisível Comum no Teatro Dante Barone**. 2023. Facebook: ONG Semente Solidária. Disponível em: <https://www.facebook.com/ONGSementeSolidaria>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SOLIDÁRIA, Ong Semente. **Estreia de “Só um Pouquinho!” no Teatro Dante Barone**. 2023. Facebook: ONG Semente Solidária. Disponível em: <https://www.facebook.com/ONGSementeSolidaria>. Acesso em: 25 jul. 2023.

TEATRO de Fato. (Panfleto de divulgação). Guaíba, RS: 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 - Árvore do Teatro do Oprimido



O Teatro do Oprimido nasceu em 1971 no Brasil, sob a forma muito jovem de *Teatro Jornal* e com o objetivo específico de lidar com problemas locais — rapidamente, passou a ser usado em todo o país. O *Teatro Fórum* veio à luz no Peru, em 1973, como parte de um Programa de Alfabetização; pensamos que seria bom apenas para a América do Sul — hoje é praticado em mais de 70 países. Continuando a crescer, o TO desenvolveu o *Teatro Invisível* na Argentina, como atividade política, e o *Teatro Imagem*, para estabelecer um diálogo entre as Nações Indígenas e os descendentes de espanhóis na Colômbia, na Venezuela, no México... Hoje, essas formas são usadas em todos os tipos de diálogos.

Na Europa, o TO se expandiu e veio à luz o *Arco-Íris do Desejo*— inicialmente para entender problemas psicológicos, mais tarde para criar personagens em quaisquer peças. De volta ao Brasil, nasceu o *Teatro Legislativo*, para ajudar a transformar o Desejo da população em Lei — o que chegou a acontecer 13 vezes. Agora, o *Teatro Subjuntivo* está, pouco a pouco, vindo à luz.

Nós descobrimos que todas essas formas, independente de onde foram criadas, poderiam ser desenvolvidas em todo o mundo, porque são simplesmente uma Linguagem Humana.

O TO era usado por camponeses e operários; depois, por professores e estudantes; agora, também por artistas, trabalhadores sociais, psicoterapeutas, ONGs... Primeiro, em lugares pequenos e quase clandestinos. Agora, nas ruas, escolas, igrejas, sindicatos, teatros regulares, prisões...

O **Teatro do Oprimido** é o *Jogo do Diálogo*: nós jogamos e aprendemos juntos. Todos os tipos de Jogos devem ter *Disciplina* — regras claras que devemos seguir. Ao mesmo tempo, Jogos têm precisão absoluta de criatividade e *Liberdade*. O TO é a síntese perfeita das antitéticas *Disciplina* e *Liberdade*. **Sem Disciplina, não há Vida Social; sem Liberdade, não há Vida.**

A *Disciplina* do nosso Jogo é nossa crença de que devemos re-estabelecer o direito de todos viverem dignamente. Acreditamos que todos nós somos mais e muito melhores do que pensamos ser. Nós acreditamos em solidariedade.

Nossa *Liberdade* é inventar meios de ajudar a humanizar a Humanidade, livremente invadindo todos os campos das atividades humanas: social, pedagógico, político, artístico... O Teatro é uma Linguagem e, por isso, pode ser usado para falar de todas as preocupações humanas, não ficando limitado ao próprio teatro.

Nós acreditamos na Paz, não na Passividade!

Acima de tudo, nós acreditamos que o Teatro do Oprimido é **de, sobre, por e para** os Oprimidos, como está claro em nossa *Declaração de Princípios*. Se você concorda com isso, nós certamente concordamos com você.



Augusto Boal, Rio de Janeiro 2004

Translation Silvia Balestreri Nunes



ANEXO 2 - Panfleto Teatro de Fato

HISTÓRICO DO CURSO

O projeto Teatro de Fato é um curso de Teatro do Oprimido que vem sendo oferecido gratuitamente à comunidade de Guaíba, região metropolitana e interior do estado desde 2010 e chegará em 2017 à sua sétima edição. O curso é realizado pelo Grupo de Teatro Popular Compararia das Façanhas e pela ONG Semente Solidária, ministrado por Araxane Jardim, Déia Alencar e Núbia Quintana.

O Grupo de Teatro Popular Compararia das Façanhas é um dos focalizadores do método Boal no Rio Grande do Sul. A Compararia das Façanhas foi criada em 2001, em Guaíba, pelos atores Déia Alencar e Araxane Jardim, e tem como proposta ser um veículo de contestação, questionamento, pesquisa e experimentação para um trabalho de cunho construtivista e ecológico. O projeto Teatro de Fato é uma das atividades culturais que o grupo oferece no município e já atendeu cerca de 1800 pessoas, entre alunos e espectadores das apresentações, sendo aprimorado a cada edição e chegando a diferentes públicos.

Nestas sete edições que o projeto já tem, diversas experiências foram realizadas, com peças sobre racismos, bullying nas escolas e machismo, por exemplo. A dinâmica do curso, que inclui um processo complexo de sensibilização estética e culminou na formação de um grupo e montagem de um espetáculo teatral, tem despertado o interesse pelo teatro e levantado temas importantes de debate para a sociedade.

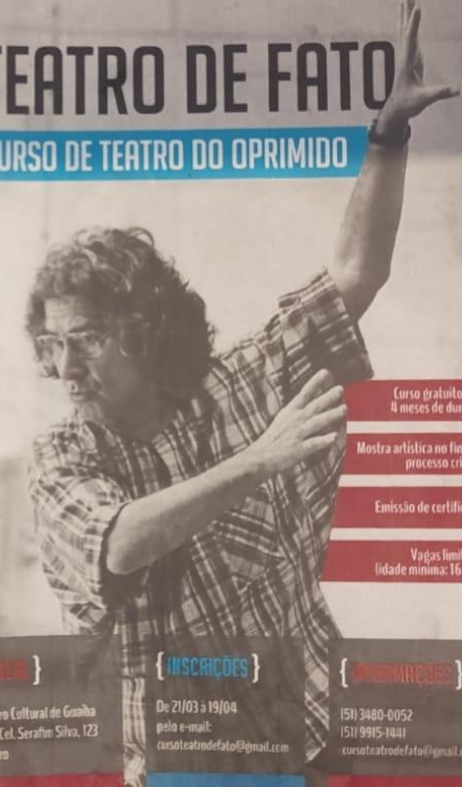
O Teatro do Oprimido é um método teatral formado por diversas técnicas que resultam em um modelo diferenciado de prática cênico-pedagógica, visando a mobilização do público. A metodologia foi criada pelo diretor, dramaturgo e teatrólogo brasileiro Augusto Boal durante a década de 1930.

Além de capacitar o público em geral para o exercício do teatro, o Teatro do Oprimido atua como catalisador na discussão de problemas sociais, proporcionando aqueles que o vivenciam através do trabalho coletivo de produção teatral um efetivo espaço de cidadania com interferência direta e consequentes transformações no cotidiano de suas comunidades.



TEATRO DE FATO

CURSO DE TEATRO DO OPRIMIDO



- Curso gratuito com 4 meses de duração
- Mostra artística no final do processo criativo
- Emissão de certificados
- Vagas limitadas (idade mínima: 16 anos)

LOCAL

Centro Cultural de Guaíba
Rua Cel. Serafin Silva, 173
Centro

INSCRIÇÕES

De 21/03 a 19/04
pelo e-mail:
cursoateatrodefato@gmail.com


CONTATOS

(51) 3480-0052
(51) 9915-1441
cursoateatrodefato@gmail.com

{ OFICINEIROS }

Araxane Jardim (DR: 11309)

Ator desde 1995. Também tem atuado como diretor e professor cultural. Participou dos grupos Dorem Gallo em Nóis (Canoas) e Lançastores (Porto Alegre). É membro fundador e participante do grupo Compararia das Façanhas (Guaíba). Foi cargo de formação do Teatro do Oprimido com Augusto Boal (1999) e no Centro do Teatro do Oprimido (III) em 2001, 2008 e 2009. Participou de diversas oficinas e cursos, com grupos nacionais e internacionais, como LUME (São Paulo), Tazcañil (Hábil) e Los Corderos (Espanha), entre outros. É integrante do Fórum de Culturas Populares do RS e exerce o papel de multiplicador do Teatro do Oprimido, desenvolvendo oficinas e peças desde 2003. Ministrou oficinas de teatro no bairro Restinga (Porto Alegre) e em eventos sociais, e nos últimos anos tem ministrado oficinas na APAE em Guaíba. Foi orientador do grupo Patata Biscana dentro do Projeto Escola Aberta, realizado na Escola Agêas Kahl, em Guaíba (2006 a 2008). Também participou de projetos de curta e longa metragem no cinema.




Déia Alencar

Participou de diversas oficinas e cursos com artistas e professores do RS e outros estados brasileiros. Desde 2001, é integrante fundadora da Compararia das Façanhas, grupo dedicado a projetos voltados à arte popular. Foi integrante do Têbo de Memórias Di Nôis Apoi Traves (2008-2010). Atualmente estuda técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Paralelamente, atua em oficinas de Teatro Fórum ministradas por Araxane Jardim.

Núbia Quintana

Núbia Quintana é historiadora, atriz, bonequeira e palhaça. Iniciou seus estudos em teatro em 1991. Ministrou oficinas de Teatro do Oprimido desde 2001, e participou do curso de formação do Centro de Teatro do Oprimido (CTO-RS) em 2005. Desenvolveu trabalhos junto ao TEPA, o Território do Tebo e ao Levante Farvia, grupo do qual é fundadora (2009). Ministrou oficinas do Teatro de Fato em Guaíba em 2014 e 2015. Desenvolve também um trabalho performático individual, mesclando diversas linguagens cênicas.



{ OBJETIVO DO CURSO }

O objetivo do curso é capacitar o público em geral para o exercício do teatro, atuando como catalisador na discussão de problemas sociais e possibilitando o contato de forma social, lúdica, psicológica e de conhecimento intelectual, assim como proporcionar aqueles que o vivenciam, através do trabalho coletivo de produção teatral, um efetivo espaço de cidadania.

{ METODOLOGIA }

A metodologia a ser aplicada no projeto inclui exercícios e jogos dramáticos do Teatro do Oprimido (trabalhando expressão corporal, técnica vocal e improvisação) e técnicas do Estética do Oprimido. Trabalhando os seguintes pontos: fabricação dos próprios adereços, figurinos e cenários, utilizando material de sucata; mobilização para o trabalho; criação de roteiro de forma coletiva. O curso ocorrerá em aulas semanais que são distribuídas em 20 aulas e duas apresentações, uma em Guaíba e uma em Porto Alegre. Ao final do curso, serão distribuídos certificados de conclusão para os participantes que tiverem frequência igual ou superior a 80%.

{ CRONOGRAMA DO CURSO }

- 1 22 de abril na Prefeitura Municipal de Guaíba
1ª etapa: Exercícios de integração e desconhecido, jogos dramáticos, improvisação, técnica vocal aplicada ao teatro e expressão corporal.
- 2 2ª etapa: Noções de Estética do Oprimido, criação de roteiros e pesquisa de sonoplastia para a encenação.
- 3 3ª etapa: Montagem de uma encenação do Teatro do Oprimido e fabricação dos adereços, figurinos e cenários.
- 4 4ª etapa: Encerramento do curso com mostra de processo cênico em duas apresentações, uma em Porto Alegre e uma em Guaíba, e entrega dos certificados aos alunos.

